

## CONSTRUINDO CIDADANIA:

# A participação das mulheres nos movimentos populares

GARDENE LEÃO DE CASTRO\*

Atualmente existem várias formas de participação da mulher nos movimentos populares, como nos sindicatos, nas associações de bairro, nas organizações não governamentais, dentre outras. Contudo, o processo de atuação feminina nestes movimentos teve início tardiamente. Segundo Márcia Thereza Couto, professora da UFPE, esse processo só se firmou a partir dos meados da década de oitenta.

Até mesmo no meio rural, um espaço tradicionalmente conservador, a mulher aumentou seu nível de engajamento e de participação. Segundo Valdete Boni, professor da USFC, o movimento sindical rural, historicamente masculino, não acei-

tava mulheres associadas até início dos anos 80.

Apesar de ainda existirem diferenças nos níveis de participação dos homens e das mulheres nos movimentos populares, elas estão ocupando cada vez mais este espaço. São trabalhadoras, artistas, rendeiras, cantadeiras... Mulheres lutam por cidadania e buscam construir sua história com as próprias mãos.

Alice Maria de Jesus é uma dessas mulheres que participam da realidade em que estão inseridas através dos movimentos populares. Há oito anos, ela faz parte do Conselho local de Saúde do Conjunto Vera Cruz II, em Goiânia, buscando melhorias para o sistema de saúde do seu setor

junto à prefeitura e a outros representantes locais.

Alice também faz um trabalho social na igreja da sua comunidade, com uma programação de palestras educativas para as mulheres que discutem temas como sexualidade, reprodução, hipertensão, dentre outros.

"A gente nem percebe, quando damos conta já estamos totalmente envolvidas. Eu sempre participei das discussões no meu bairro, trabalhando como voluntária. Essas ações têm resultados concretos, sentimos as mudanças na realidade dos moradores. Assim a gente não fica isolada do mundo, passando também a viver a realidade do outro...", relata.

## Voluntária Universal

Sebastiana Tereza Albuquerque de Lima se denomina "voluntária universal". Em Goiânia, ela é conselheira titular do Conselho local de Saúde do Setor Pedro Ludovico, faz parte da Associação de Donas de Casa do Estado de Goiás, é uma das fundadoras do Grupo Esperança, no Setor Pedro Ludovico, é presidente do Grupo Renascer, na Chácara do Governador, faz parte do Grupo Oficina do Amor, no Setor Pedro Ludovico e participa do Grupo Economia Solidária, projeto do Programa Fome Zero do Governo Federal.

Segundo Sebastiana, seu trabalho é gratificante por perceber mudanças na realidade de várias pessoas. "Na Associação das Donas de Casa nós incentivamos as donas de casa a economizar através de cursos como o de reaproveitamento de alimentos, replanejamento do orçamento, dentre outros", conta.

Ela relata que recentemente a associação conquistou uma grande vitória: a aprovação da aposentadoria das donas de casa



com mais de 60 anos que não contribuem para o INSS. Segundo ela, a lei já foi aprovada pelo senado e logo vai ser homologada pelo presidente. "Também lutamos pela diminuição dos preços dos produtos em supermercados e pelo não aumento dos impostos".

No trabalho com idosos, que faz no Grupo Renascer, da Chácara do Governador e nos Grupos Esperança e Oficina do Amor, do Setor Pedro Ludovico, Sebastiana relata que luta pela qualidade de vida, pelo direito ao lazer e pelo incentivo do aproveitamento do tempo do idoso.

"Estes grupos contribuem essencialmente na vida dos idosos. Muitos têm depressão por se sentirem abandonados ou incapazes. Depois que fazem parte dos grupos, os idosos não querem mais sair, já que não agüentam ficar em casa se sentindo inúteis...", relata.

Assim como Alice e Sebastiana, existem várias mulheres que buscam construir cidadania através dos movimentos populares. São mulheres que participam do cotidiano dos seus bairros e da sua cidade, buscando melhorias para si e para as(os) outras(os). Elas são exemplos para que continuemos nossas ações feministas, mostrando que é também nas políticas do cotidiano que as revoluções acontecem.

## ARTE POPULAR E CIDADANIA

Outra forma de expressão das mulheres no meio popular é a arte. São mulheres que usam o canto, a dança, o artesanato e o folclore como profissão ou como forma de demonstrar sua cultura.

Um trabalho que ilustra a vida de algumas dessas artistas populares é o projeto Encantadeiras, realizado desde 2004, que reúne no palco rezadeiras, artesãs, cantoras de feira, trabalhadoras rurais e uma geração de cantoras de várias partes do país.

As personagens do Encantadeiras pertencem a quatro grupos



de mulheres batalhadoras: As Encomendadeiras de Correntina, Ceguinhas de Campina Grande, O Cortejo Brincante Abayomi e As Quebradeiras de Coco Babaçu.

"Encantadeiras são mulheres que mantêm acesa a tradição das cantorias de trabalho em nosso país. No caso das quebradeiras, seus cantos são, sobretudo, cantos de protestos e de demanda por direitos, principalmente, o direito ao livre acesso e à preservação dos babaçuais", explica Mariana Santarelli, integrante da Associação em Áreas de Assentamento do Estado do Maranhão, em entrevista concedida ao Ibase no último 3 de junho.

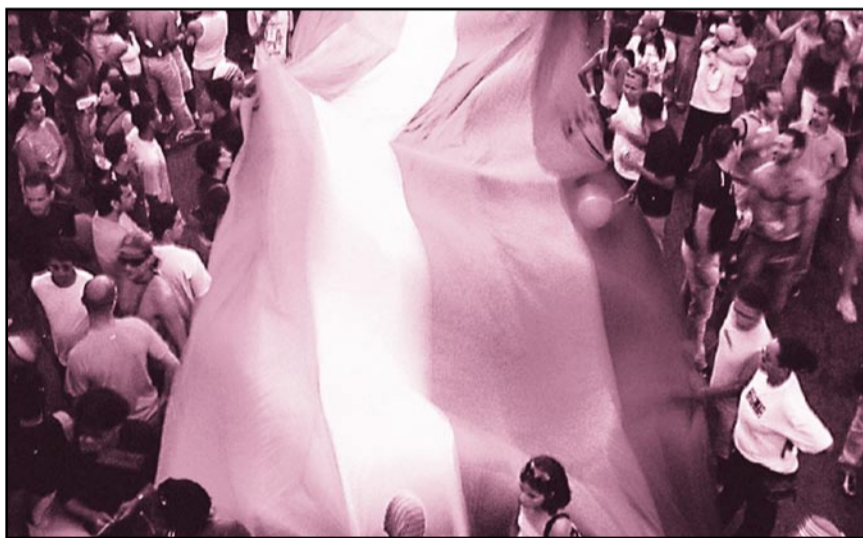
\*Assessora de Comunicação do Grupo Transas do Corpo.

# Colcha de retalhos, Seminário Direitos Sexuais, Parada GLBT e Corpus Crisis

## DIVERSIDADE SEXUAL E SUAS ARTICULAÇÕES NO CENTRO-OESTE

MARÍLIA R. DA SILVA<sup>1</sup>

Quando, em 28 de junho de 1969, um grupo de pessoas enfrenta a repressão policial em um dos bares de Nova Iorque mais populares entre homossexuais, não fazia idéia de que aquele dia ficaria marcado na história de luta por direitos sexuais. A "Batalha de Stonewall"<sup>\*\*</sup>, como ficou conhecido o episódio, se tornou marco do Orgulho Gay, dia comemorativo e de reivindicações em todo o mundo ocidental. Ao longo dos anos, a luta pelo direito à prática e à visibilidade homossexual se amplia e torna-se luta pelo direito à diversidade sexual. Hoje as mobilizações não se restringem ao dia 28. Em várias cidades do Brasil, uma série de atividades atravessa o mês de junho, já chamado de Mês do Orgulho GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros), ou Mês da Diversidade Sexual. As Paradas de rua são as que aglomeram mais pessoas em todo o mundo, porém outros tipos de eventos, como discussões, debates, palestras e oficinas sobre os temas que envolvem os movimentos e lutas por livre expressão sexual, vão tomando força e importância



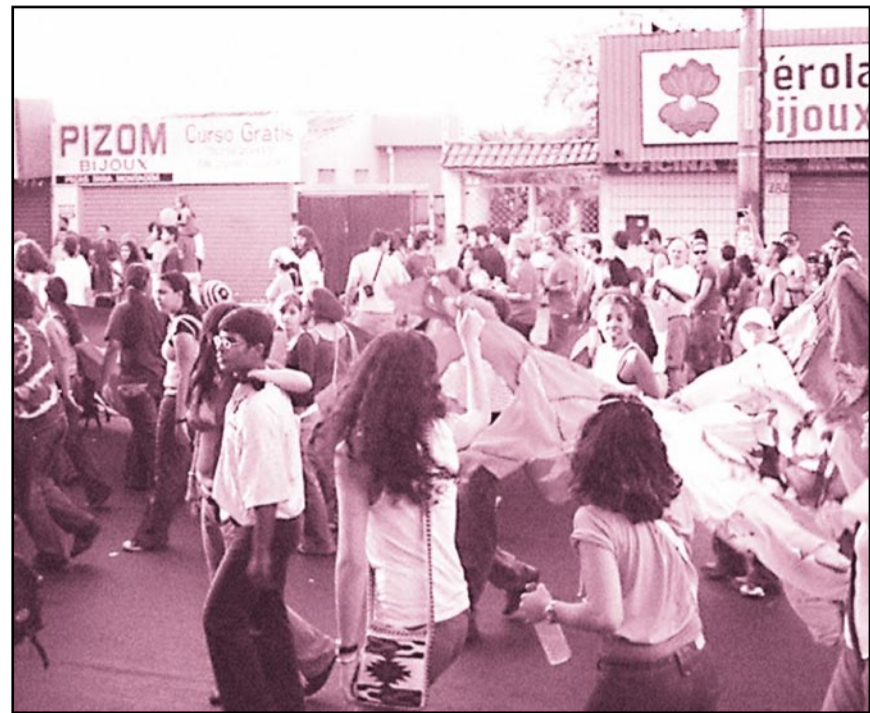
### Articulações em Goiânia

Na Universidade Federal, recentemente estudantes e professoras(es) formaram o Colcha de Retalhos – a UFG saindo do armário, um coletivo de discussão e ação em favor da diversidade sexual e contra os preconceitos na instituição. Nos dias 08, 09 e 10 de junho, esse grupo realizou a PreParada – Abrindo as Portas do Armário na UFG, evento que reuniu discussões, exibição de filmes, debates, beijaço público e foi encerrado com a Parada GLBT da UFG.

Na noite do dia 10, mesmo dia em que a PreParada se encerrou, foi aberto o Seminário Direitos Sexuais: construindo

reflexões e diálogos, que reuniu grupos e movimentos de Goiânia, Brasília e interior de Goiás em debates a respeito de sexualidade e direitos sexuais. Esse evento, realizado pelo Grupo Transas do Corpo e pelo GT Hilda Hilt de Direitos Sexuais (Rede Feminista de Saúde), foi a sessão Centro-Oeste de uma série de Diálogos Estratégicos que têm como objetivo promover a aproximação e articulação entre a pauta do movimento feminista por direitos sexuais (aborto, métodos contraceptivos, etc.) da pauta do movimento por direito à diversidade.

O Seminário se encerrou na véspera da 9ª Parada do Orgulho GLBT de Goiânia, que, no dia 12 de junho, levou cerca de 10 mil pessoas para as ruas da cidade. Com o mesmo tema das Paradas de todo o Brasil - Direitos Iguais, nem menos, nem mais - o evento reuniu diversos grupos e pessoas que estão nessa luta e muitas(os) apoiadoras(es) da causa, colorindo o centro de Goiânia. É bom



lembrar que essa Parada é apenas o ápice de uma movimentação que ocupou o calçadão da rua 8, também no centro, durante toda a semana que a precedeu, com discussões, festas e concursos de cultura GLBT.

### Corpos em Crise

Em junho, nem os feriados escapam. Aliás, há algum tempo, pessoas que não se identificam com os feriados católicos – mas que nem por isso querem (ou podem) trabalhar – realizam encontros contestadores em datas comemorativas. Depois do Carnaval Revolução<sup>\*\*</sup>, surge agora o Corpus Crisis, evento autônomo sobre corpo, gênero e sexualidade que se realizou em Brasília, no CONIC, durante o feriado de Corpus Christi.

Temas como orientações sexuais, modificações corporais, desejo e pornografia, padrões de beleza e de comportamento, e tecnologia, foram debatidos durante os três dias de atividades. O viés que uniu todos esses temas foi a defesa da autonomia de cada pessoa sobre seu corpo, suas idéias e suas práticas, da indivisibilidade desses elementos, e a possibilidade de novas formas de vivência frente aos padrões de como ser e se comportar e às apropriações simbólicas do capitalismo.

### Outros gêneros ou nenhum?

A união que esses eventos, no Centro-Oeste, e tantos outros em toda parte proporcionam é possível devido a um desejo crescente em cada vez mais pessoas de não serem limitadas pela imposição de apenas um modelo correto e aceitável de vida sexual social – já que no âmbito do privado, do particular, as diferentes práticas nunca deixaram de exis-

tir. Toda essa movimentação parece buscar algo que está além da aceitação de mais de um, ou de alguns diferentes padrões de prática sexual.

Por mais que as lutas concretas por direitos exijam de seus atores sociais uma identidade sexual bem marcada, que dê corpos à necessidade de novas políticas e de uma nova ética social de respeito, o que parece emergir desses espaços é o desejo por uma sociedade em que essas identificações não sejam mais necessárias. Uma sociedade em que os gêneros possam se fundir e se diferenciar infinitamente sem a impressão de papéis sociais sobre eles, e onde sejamos livres para vivermos nossas sexualidades e afetos sem etiquetas de especialização sexual.



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis nº 1811, Pq. Amazônia  
Goiânia-Goiás-Brasil – 74840-090  
Tel.: 55 (62) 3095-2301 ou 3095-2302  
fazendogenero@transasdocorpo.org.br

[www.transasdocorpo.org.br](http://www.transasdocorpo.org.br)

#### Apoio:

- Fundação MacArthur
- Fundação Ford
- International Women's Health Coalition

#### Conselho editorial:

Érica Melo, Pedro Plaza Pinto,  
Priscila Marília Martins e Wilza Vilela

Editoria: Joana Plaza Pinto

Redação: Lara Satler

Revisão: Joana Plaza Pinto

Colaboração: Ana Paula Portella, Elcimar  
Dias Pereira e Wilza Villela

Editoração: Carla de Abreu (62-223.0566)

Ilustração capa: Lupe (lupehq@birturbo.com.br)

As opiniões presentes nas entrevistas  
ou nos artigos publicados são de  
responsabilidade de suas autoras e autores.

<sup>1</sup>Estagiária de Comunicação do Grupo Transas do Corpo.

\* O nome do bar atacado pela polícia é Stonewall Inn, daí o nome do evento.

\*\* Evento realizado por um coletivo anti-capitalista, em Belo Horizonte, sempre durante o carnaval brasileiro.

## Educação em Saúde é Coisa Séria!

KEMLE SEMERENE COSTA<sup>1</sup>

**R**essaltada por sanitaristas, feministas, educadoras(es) populares, entre outros atores sociais, como uma importante estratégia para a promoção da saúde de mulheres, homens e suas comunidades, a educação em saúde é considerada um campo para o qual convergem diversas concepções, com diferentes compreensões do mundo, demarcadas por distintas posições político-filosóficas sobre as pessoas e a sociedade.

Durante o século XIX, a ação educativa na área da saúde era traduzida em práticas pedagógicas associadas ao higienismo e orientadas pela veiculação de informações específicas sobre a transmissão de doenças, conseqüente a uma visão biomédica da saúde. Com as novas descobertas da ciência e as mudanças nos padrões de morbi-mortalidade, a ênfase no processo biológico foi substituída por uma orientação comportamentalista que, por sua vez, cedeu lugar à produção social da doença, voltando as ações para o desenvolvimento da comunidade e mudança social.

Desde os anos 70, no Brasil, a área de educação em saúde propõe uma linha de planejamento participativo para as ações educativas, com uma nova concepção voltada para um processo positivo de educar que valoriza a responsabilidade sobre a saúde pessoal, da família e da comunidade. O caráter autoritário cede lugar à participação popular e seu direito de conduzir o seu próprio destino no que se refere à saúde.

Na década de 80, o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher -PAISM, uma das experiências mais inovadoras no âmbito da saúde pública, preconizava a incorporação de ações desenvolvidas junto às usuárias dos serviços, de maneira a proporcionar um espaço de reflexão e valorização das experiências e realidades individuais, possibilitando assim, o redimensionamento das práticas de educação em saúde da mulher na rede pública.

Em uma revisão de documentos emitidos pelo Ministério da Saúde, de 1980 a 1992, Gastaldo (1997) revelou uma transformação do discurso oficial sobre educação em saúde, de "mudanças comportamentais" para "participação" provocando uma discussão sobre as relações de poder entre profissionais de saúde e usuárias(os) dos serviços. Para a autora, ao mesmo tempo em que a educação em saúde pode promover o poder das pessoas, também pode significar submissão, uma vez que muitas práticas, apesar do caráter "participativo", envolvem

a imposição de "verdades", através das quais a pessoa perde o controle sobre seu corpo, governado por critérios alheios aos seus.

A partir dessa análise, é possível afirmar que o conhecimento teórico e o domínio perfeito de técnicas não garantem, por si só, o bom resultado de uma intervenção educativa. A capacidade das(os) educadoras(es) para entender os processos interpessoais e sociais, a disponibilidade para ver e ouvir o que se passa num dado contexto de trabalho e o reconhecimento de que a realidade é sempre maior que qualquer técnica ou teoria são elementos essenciais para que um trabalho educativo cumpra a sua função.

O que temos observado é que, apesar de integrarem uma antiga discussão na área de saúde e serem lembradas em documentos oficiais, as práticas educativas não estão inseridas nas prioridades dos serviços de saúde, onde ainda prevalecem procedimentos de caráter curativo, os quais poderiam ser evitados, na presença de uma ação educativa continuada.

Sem grandes reflexões a respeito das estratégias utilizadas e, até mesmo sem considerar categorias essenciais como raça, gênero, entre outras, persiste assim, uma concepção de educação em saúde em que os profissionais, detentores do conhecimento, repassam informações, cobram mudanças de hábitos e estabelecem estilos de vida preventivos, por meio das palestras, recurso tradicionalmente utilizado para esse fim, muitas vezes, sem levar em conta, saberes e realidades dos sujeitos. Dessa forma, tendem a reproduzir práticas de caráter autoritário e disciplinador.

Por outro lado, incorporando o discurso da participação, existem iniciativas que visam promover animação e integração, utilizando-se de recursos diversos. Diante desse fato, importante se faz atentar para a banalização no uso de "dinâmicas", ao serem utilizadas de forma desconexa com os conteúdos trabalhados e com outras técnicas empregadas, demonstrando falta de preparo e de sintonia das equipes multiprofissionais.

Tendo em vista esta breve reflexão, acreditando no imenso valor das práticas educativas como estratégia fundamental para a conquista de saúde e autonomia, urge que providências sejam tomadas em relação à formação e à capacitação de gestores e profissionais, a fim de que a educação em saúde possa se fazer relevante nas políticas públicas de saúde.

Por acreditar que dificuldades enfrentadas pelos profissionais na prática educativa podem revelar lacunas na formação acadêmica que a educação continuada ainda não conseguiu preencher, torna-se imprescindível a abordagem da educação em saúde no currículo dos cursos da área de saúde, de maneira a proporcionar não somente conhecimentos teóricos, mas também metodológicos, considerando o indivíduo como sujeito e como um ser integral.

No que diz respeito aos serviços, ainda que disponibilizem equipe multiprofissional, é possível afirmar não ser o bastante para se alcançar resultados positivos, sem que as diversas categorias comunguem dos mesmos objetivos, tenham compromisso com a comunidade e entendam a importância da interdisciplinaridade no processo educativo.

A prevenção dos agravos e a conquista de uma melhor qualidade de vida fazem parte de um processo que envolve diversos atores, além dos usuários dos serviços e os profissionais de saúde, e está vinculado à redução das desigualdades sociais e econômicas. Esse entendimento é essencial para que as práticas educativas não se baseiem em delegar responsabilidades à população, mas, sobretudo, em propiciar espaços de troca e reflexão.

Ao considerarmos que não basta a utilização de técnicas que preconizam a participação das pessoas como sujeitos, é fundamental promover a capacitação das equipes de saúde de maneira a propiciar a compreensão do significado da categoria gênero e da importância de sua incorporação nas práticas educativas que se dizem emancipatórias. O enfoque de gênero constitui-se em uma das mais importantes contribuições para desnaturalizar e problematizar os fenômenos e os eventos ligados ao processo saúde-doença, com a expectativa de conduzir à implementação de formas distintas e mais humanas de assistência à saúde de mulheres e homens.

Torna-se essencial, portanto, a sua incorporação nos conteúdos de promoção da saúde e na forma de organização e orientação dos serviços de atenção.

Fonte: Costa, Kemle Semerene . Práticas Educativas em Obesidade e Envelhecimento

Desenvolvidas por Profissionais de Saúde de Goiânia. Dissertação de Mestrado.

Goiânia, 2005.



GIAS – vamos conversar sobre sexualidades?



Em abril deste ano, cerca de 15 adolescentes formaram o Grupo de Informação e Ação em Sexualidade- GIAS. Duas vezes ao mês, sempre aos sábados, elas/es se reúnem na sede do Grupo Transas do Corpo para conversar sobre temas diversos, como prática e diversidade sexual, raça, gravidez e anticoncepção, dentre outros. Uma das ações do grupo foi uma visita à sede da Astral – Associação de Travestis, Transexuais, Transgêneros de Goiás, para conhecer seu trabalho nas áreas de Direitos Humanos e prevenção de DST/Aids.

Consultoria para Sustentabilidade

Para contribuir com sua sustentabilidade, o Transas receberá uma consultoria em captação de recursos. Serão duas oficinas de três dias, em agosto e outubro, que contemplarão o estudo de conceitos e instrumentos de comunicação e de captação, exercícios de planejamento e monitoramento, apresentação de experiências de outras ONGs e análises de textos e estudos de casos. A atividade será realizada pela Ciclo – Assessoria para o Desenvolvimento, do Rio de Janeiro.

Teatro do Oprimido prepara Mostra Pública

Foram realizadas, nos meses de março e maio deste ano, duas etapas do Projeto Teatro do Oprimido: Formação para multiplicadoras/es. As/os participantes estão produzindo oficinas para novas turmas, utilizando as técnicas aprendidas com as curingas (monitoras) do Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro (CTO-Rio). A próxima etapa será a preparação da Mostra Pública que encerra o projeto. Acompanhe mais notícias pela página do Transas, parceiro desta ação.



Seminário sobre Direitos Sexuais e Reprodutivos



Foi realizado, nos dias 28 e 29 de março, na Faculdade do Direito da UFG, o Seminário sobre Direitos Sexuais e Diretos Reprodutivos: em defesa de um estado laico, com o objetivo de construir um diálogo sobre direitos sexuais e reprodutivos no campo dos direitos humanos, visando a ampliação da interlocução entre esses campos e o fortalecimento das posições em defesa do estado laico. Participaram do evento estudantes de direito, profissionais de

saúde e militantes do movimento pela diversidade sexual e do movimento de mulheres negras.

Transas do Corpo comemora 18 anos

No dia 1º de maio, o Grupo Transas do Corpo recebeu, em sua sede, parceiras(os), sócias(os) e colaboradoras(es) para a comemoração de seus 18 anos de fundação. Na abertura, as convidadas conheceram a nova estrutura do Centro de Estudos e Informação (CEI) e conferiram fotos que contavam a história do Transas. As comemorações foram embaladas pelo Grupo Trieiro, que animou a festa com música popular brasileira.

Audiência Pública em Brasília discute situação das parteiras tradicionais

No dia 19 de maio foi realizada, na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, uma audiência pública para discutir a situação das parteiras tradicionais no Brasil. Na ocasião, foi destacado o preconceito do sistema oficial de saúde e da sociedade contra as parteiras, além da falta de suporte para o exercício da função como uma alternativa no atendimento à gestante. A mobilização atual é pela aprovação de um Projeto de Lei que prevê o reconhecimento do serviço de parteira enquanto profissão.



Fonte: Bancada Feminina do Congresso Nacional, ed.1, jun/2005 e www.cfemea.org.br.

Sobre mulheres e zines

“Quando escrevo, estou tentando descobrir quem sou, quem somos, o que somos capazes de fazer, o que sentimos, como perdemos e nos levantamos e prosseguimos de escuridão em escuridão. É isso que faço.”

MARY ANGELOU

Zine é o nome curto para Fanzine, Fan Magazine. O termo diz das revistas que começaram a ser auto-produzidas por fãs de ficção científica, em meados da década de 1940, nos Estados Unidos. A partir de uma intensa troca de correspondências, e de encontros em conferências nacionais, a rede que se formou iniciou um uso diferente da comunicação, da arte e da política. Com o passar dos anos, tanto a forma como o conteúdo dos zines se desprenderam das publicações da fan magazine, que apresentava basicamente desenhos, enredos e resenhas críticas de filmes sci-fi e demais zines.



Entre outros, existiam aqueles que falavam de arte, quadrinhos, literatura, que eram espécies de ‘diários de artista’, e ainda aqueles que faziam trabalhos educativos e de informação. Especialmente nos ambientes da contra-cultura punk, em meados dos anos 1970, figuram como o meio impresso segundo o qual uma comunidade se manifesta e articula conhecimento. Com recursos mínimos e lucratividade zero, os zines abriram as possibilidades de voz a qualquer pessoa. Numa estética da simplicidade, as fotocópias e colagens adquiriam ares artesanais, o que afirmava a distância a que estavam essas publicações de qualquer produto industrial de massa.

Não só as relações de produção importavam para o ambiente cultural que enseja a prática dos zines, mas todo um sistema excludente e desigual que violenta, marginaliza e silencia muitos/as. No caso das questões de gênero, foi numa radicalização do movimento punk por meio das reflexões e insurgências do feminismo, que temas como sexualidade, misoginia, sororidade e patriarcado passaram a estampar as páginas (agora coloridas e volumosas) das pequenas revistas.

Com o lema “O pessoal é político”, o movimento feminista ampliou as percepções que tínhamos com relação à intimidade, à comunidade e à transformação política. Entre outros, é na retomada do direito de expressão e no acesso aos espaços públicos que as mulheres podem denunciar violências, abusos e desigualdades. É na palavra que a revolução do cotidiano reformula normas, agrega afinidades e organiza desestabilizações.

Os zines feministas – e muitos daqueles feitos por mulheres sem filiação declarada ao feminismo – têm como influência principal essa motivação solidária e assertiva, que torna cada uma fonte de inspiração para outras. A idéia é criar espaços alternativos de circulação discursiva, nos quais nossas subjetividades possam ser declaradas, analisadas, subvertidas e celebradas.

Como uma lacuna que faltava, a auto-publicação de mulheres modifica o panorama usualmente triste da sociedade falocêntrica, soprando novos ares sobre o horizonte muitas vezes repetitivo da literatura informal.

Links interessantes (todos acessados em 27/6/05):  
<http://www.zinebook.com/directory/zine-history.html>  
<http://www.benditazine.com.br/>  
<http://geocities.yahoo.com.br/lacarnissa/>  
<http://www.grrrlzines.net/>  
<http://www.umaqualquer.cjb.net>